

Compondo e gravando com um grupo de práticas vocais coletivas em contexto escolar

Comunicação

Lúcia Helena Pereira Teixeira
Universidade Federal do Pampa
luciateixeira@unipampa.edu.br

Lygia Aguirre Azambuja
Universidade Federal do Pampa
lygiaazambuja.aluno@unipampa.edu.br

Nicolas da Silva Braga
Universidade Federal do Pampa
nicolasbraga.aluno@unipampa.edu.br

Willian da Fonseca Ferreira
Universidade Federal do Pampa
willianfonseca.aluno@unipampa.edu.br

Resumo: Esta comunicação descreve e reflete sobre as atividades realizadas junto ao componente curricular *Práticas Vocais na Educação Musical I*, do curso de Música – Licenciatura da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA). As práticas pedagógicas foram desenvolvidas com o grupo infantojuvenil Baque Téó Cantares, vinculado à EMEF Téó Vaz Obino, na cidade de Bagé/RS. Inicialmente, foram planejadas atividades envolvendo a lida com o aplicativo de criação musical colaborativa *BandLab*. A intenção era a de promover atividades de composição e produção musicais coletivas com o grupo que vinha, até então, desenvolvendo um trabalho de performance músico-vocal. No entanto, com o desastre climático que assolou o Rio Grande do Sul, tendo as aulas da Universidade sido suspensas por três semanas, o plano de trabalho precisou ser redesenhado. Foi mantida a ideia do trabalho com criação musical, mas o recurso pedagógico do aplicativo foi suspenso em razão do tempo disponível para o desenvolvimento do trabalho. Concluídas as criações musicais, os/as alunos/as puderam ser gravados/as no laboratório de áudio do curso de Música e tiveram vídeo produzido a partir dos áudios finalizados. Como avaliação com o grupo sobre as atividades realizadas, são trazidos fragmentos dos depoimentos dos/as estudantes. No decorrer do artigo discutem-se ideias sobre culturas participativas digitais, a relevância da promoção de atividades de composição e gravação com público infantojuvenil e escolar, bem como são tecidas relações entre educação e a construção de uma sociedade democrática.

Palavras-chave: práticas vocais coletivas, espaço escolar, atividades de criação musical.

Introdução

Esta comunicação tem por objetivo descrever e refletir sobre as atividades desenvolvidas durante o semestre 2024/1 dentro do componente curricular *Práticas Vocais na Educação Musical I*, do curso de Música – Licenciatura da Universidade Federal do Pampa.

O componente curricular *Práticas Vocais na Educação Musical I* busca a reflexão sobre culturas infantis e a elaboração de atividades pedagógico-musicais com uso da voz cantada e/ou falada e sua prática com grupos escolares ou em espaços não escolares. As práticas músico-vocais do componente têm ocorrido com o grupo infantojuvenil Baque Téó Cantares, um dos grupos do programa de extensão Baque do Pampa¹.

O grupo de trabalho pretendido para este ano de 2024 teve como foco alunos/as de anos finais, pertencentes ao 8º e 9º anos da EMEF Téó Vaz Obino. No convite aos/às estudantes foi enfatizado que, para poderem participar da atividade, deveriam estar matriculados/as na escola e frequentando as aulas. Alunos/as das duas turmas dos anos finais foram convidados/as para um encontro com a docente e também com uma das coordenadoras do Programa de Extensão Baque do Pampa, discentes matriculados no componente curricular *Práticas Vocais na Educação Musical I* e a diretora da escola. Inicialmente, tivemos 12 inscritos com faixa etária entre 13 e 17 anos. O grupo conta com um integrante convidado, ex-aluno da escola, e que fez parte do primeiro projeto de música com discentes da UNIPAMPA, no 2º semestre de 2022, sendo atualmente estudante de ensino médio de escola da rede estadual.

A fim de conhecermos melhor nosso público cantor – embora tenhamos contado com o retorno de estudantes que integraram o grupo no ano passado –, coletamos informações, junto à direção da escola, sobre como se constituem as famílias e suas condições socioeconômicas. A maioria dos/as estudantes mora ou somente com mãe ou

¹ O programa de extensão *Baque do Pampa: práticas vocais coletivas na UNIPAMPA* foi criado a partir do segundo semestre de 2015. Tem por objetivo principal a busca de aproximação entre as comunidades interna e externa à Universidade. Parte de uma prerrogativa inclusiva em que, para participar dos grupos, é necessário gostar e/ou querer aprender a cantar. O programa conta com três grupos: adulto, juvenil e infantojuvenil. Este último denomina-se Baque Téó Cantares, como referência à Escola Municipal de Ensino Fundamental (EMEF) Téó Vaz Obino, a qual se vincula.

com mãe e padrasto ou, ainda, com avós. A maior parte das ocupações das mães ou padrastos e avós são como autônomos/as, donas de casa, faxineiras, babás, cuidadoras, cabeleireiras, auxiliares de serviços gerais. Grande parte das famílias são contempladas com subsídio do bolsa-família. Em geral, as condições econômicas são baixas. Também pais ou responsáveis apresentam baixa escolaridade: um percentual bem expressivo tem ensino fundamental incompleto; em menor número, apresentam ensino médio completo ou incompleto e, com raras exceções, há responsáveis com ensino superior.

As atividades propostas

Em 2023, o grupo Baque Téo Cantares havia desenvolvido repertório musical formado por músicas de matriz africana e indígena e, para 2024/1, pensamos em trabalhar com princípios de criação musical, movendo a criatividade dos/as estudantes. Nesse sentido, vale ressaltar que práticas vocais coletivas tendem a priorizar atividades de performance, em geral, como afirma a pesquisadora Andrade (2022, p. 64): “o canto coral, de maneira geral, caracteriza-se como uma modalidade essencialmente de execução, com pouco ou nenhum tempo/espaço dedicado à criação musical coletiva” (ibidem).

Apostando em atividades composicionais e de gravação dos resultados, Lorenzi (2007, p. 125) realizou pesquisa-ação com alunos/as de uma EMEF da cidade de Gravataí/RS, trabalhando com composição e gravação das produções musicais dos/as estudantes:

Investir na composição musical como uma forma rica e complexa de fazer música é uma necessidade para as escolas, mas antes o deve ser aos educadores musicais, que em muitos casos se restringem à prática interpretativa, à musicalização por meio de bandinhas rítmicas ou da utilização de cancioneiros (Lorenzi, 2007, p. 125).

Assim, ao início do semestre, os discentes matriculados no componente *Práticas Vocais na Educação Musical I* planejaram atividades centradas no aplicativo de criação musical colaborativa *BandLab* e na possibilidade da aprendizagem na lida com a produção musical. A ideia do recurso digital emergiu porque os discentes conheciam seu uso e esteve apoiada em reflexões contemporâneas sobre práticas digitais na educação

musical e suas conexões com a cultura infantojuvenil. Nessa direção e conforme Beltrame, Barros e Marques (2023, p. 34), ampliando ideias sobre as relações entre mídias sociais e educação musical:

Primeiramente, é importante considerar que a integração das mídias sociais às práticas educacionais permite uma consonância com as práticas culturais dos jovens educandos. Tal conciliação pode ser igualmente pensada ao refletir que, na medida que integramos as práticas musicais às práticas culturais dos jovens — tendo as mídias sociais *como* intermédio — estaremos favorecendo a ampliação do conhecimento musical e da atividade artística (Beltrame; Barros; Marques, 2023, p. 34).

A sala utilizada para ensaios do grupo de extensão é o laboratório de informática da escola, que possui uma televisão *smart* de 40 polegadas, tendo permitido a demonstração do uso do aplicativo para todos/as, incluindo aqueles/aquelas que não conseguiram acessá-lo pelo celular. Esse foi outro desafio encontrado por docente e discentes: a rede de internet da escola não é aberta aos/às estudantes, o que provocou a necessidade da divisão de grupos de alunos/as conforme a quantidade de possibilidades de acesso aos dados móveis a partir dos celulares, já que alguns/algumas não o tinham ou sequer possuíam aparelhos. Em vista dessa realidade, Beltrame, Barros e Marques (2023, p. 31) trazem dados do TIC Domicílios 2019², revelando o quanto tanto as populações de zonas rurais quanto as em situação socioeconômica menos favorável possuem menores condições de acesso digital, chamando a atenção para cenários atuais de exclusão dentro da educação no Brasil.

Seguindo conteúdos relacionados ao componente curricular *Práticas Vocais na Educação Musical I*, neste semestre foram trabalhadas atividades musicais com a voz falada, tendo como práticas iniciais a dublagem de personagens de desenhos animados. Para instigarmos os/as estudantes à exploração de sons vocais, discentes e docente apresentaram, como referência inicial, a dublagem de uma cena do desenho do Bob Esponja³, já que, segundo Lorenzi (2007, p. 74), “encontrar o equilíbrio entre a ampla liberdade e o limite não constitui tarefa simples no campo pedagógico-musical [e] essa dificuldade aumenta quando processos de composição coletiva acontecem” (ibidem).

² [Cetic.br - Pesquisa sobre o uso das Tecnologias de Informação e Comunicação nos domicílios brasileiros - TIC Domicílios 2019](https://www.cetic.br/pt-br/estudos-e-pesquisas/2019/tic-domicilios-2019)

³ <https://www.youtube.com/watch?v=gcU3-TEb2sY>

Também foram propostas atividades de sonorização de histórias criadas por eles/elas, com a junção de movimentação pela sala (criação cênica).

No entanto, o semestre foi subitamente interrompido pelos eventos climáticos devastadores no Rio Grande do Sul e as aulas da Universidade foram suspensas por três semanas. Esse fato provocou, ao retomarmos as atividades, uma alteração necessária no planejamento das aulas dos discentes, pois com o encurtamento do semestre já não seria possível contarmos com o tempo necessário para o desenvolvimento das práticas exploratórias dos recursos da voz, e precisamos adaptar o plano de ensino ao tempo que teríamos de encontros semanais com o grupo de estudantes, bem como às possibilidades de chegada a um resultado satisfatório, mantendo a ideia inicial de composição e, então, gravação das criações musicais.

O novo plano de ensino previu, assim, a criação de letras que envolvessem temática sobre a problemática da lida com o lixo. Essa ideia foi impulsionada, especialmente, após as enchentes que afetaram o estado, tendo gerado acúmulo de detritos que excederam, em muito, o volume previsto para o mesmo período, em diversas regiões atingidas. Como processo sensibilizador, foi apresentado vídeo do *YouTube*⁴ que enfocava o problema da geração cada vez maior de lixo, especialmente nas cidades. A ideia da produção de lixo foi conectada ao entupimento dos bueiros das cidades e à situação gerada pelas enchentes quando as águas fazem transbordar os bueiros que não conseguem dar vazão por estarem entupidos. O processo reflexivo que se seguiu à apresentação do vídeo não foi fácil, já que Bagé é uma cidade distante de rios, não tendo sido afetada diretamente pelas enchentes e que, tampouco, possui coleta seletiva de lixo.

Após discussões entre estudantes, discentes e docente sobre a problemática e possíveis alternativas para o descarte de resíduos, os/as estudantes foram encorajados/as a iniciarem um processo de criação de letra sobre a temática do lixo. Divididos em pequenos grupos, essa também não foi tarefa simples, pois, por mais que tenhamos deixado as composições livres em extensão, os/as estudantes não conseguiram, em um primeiro momento, desenvolver suas ideias. Fizemos uso do

⁴ <https://youtu.be/sfa-jnXtA84?feature=shared>

quadro branco para a escrita de algumas palavras-chaves que pudessem ajudar no processo. Aos poucos, foram conseguindo esboçar ideias com conteúdo crítico e conectá-las com acontecimentos daquele momento: a criação coincidiu com a época da enchente no estado e também da vinda de Madonna para show na praia de Copacabana, no Rio de Janeiro/RJ.

Refletindo sobre a temática deste evento, que evoca a necessidade de construção de uma sociedade democrática, problematizando-a por meio da realização de práticas músico-educativas, trazemos as palavras de Lima (2021, p. 5). O autor defende que a democracia deve extrapolar a acessibilidade ao conhecimento, conectando-se à necessidade da compreensão do mundo vivido para que os indivíduos possam agir sobre ele: “a educação democrática não pode limitar-se à imprescindível democratização do conhecimento e da informação; terá de estender-se à compreensão do mundo e à ação” (Lima, 2021, p. 5). Nessa direção, embora enfoque a prática musical em projetos sociais – e aqui poderíamos abranger também o contexto escolar pela heterogeneidade de seus atores e seus desafios sociais –, Souza (2014, p. 20) defende que o processo de aprender e ensinar música “deveria ter o objetivo de conscientizar e contribuir para transformar a realidade” (ibidem).

Em 2024/1, precisamos modificar o dia de ensaios do grupo em razão da necessidade de adequação do horário do componente curricular, o que acabou por sobrepor parte do horário da educação física dos/as estudantes com o momento do ensaio, fazendo com que alguns/algumas tivessem que sair do ensaio para retornarem para a aula, prejudicando o processo criativo-musical que estava sendo construído com todos/as.

Ao todo, tivemos cinco encontros para a criação e finalização do processo com a gravação das composições no laboratório de áudio do curso de Música, no campus. Propusemos a escolha de uma base instrumental para a adaptação da letra criada pelos dois grupos. Este momento também se apresentou como desafio, pois, quando apresentamos diversos *beats* dos mais variados estilos musicais para que escolhessem qual queriam utilizar para a composição, cada um/a escolheu o de seu gosto; no entanto,

precisavam chegar a uma escolha coletiva por grupos, e levaram bastante tempo nessa discussão. Por fim, um grupo escolheu uma base de rap e, outro, de funk⁵.

Nessa ocasião, a ajuda dos discentes e da docente foram fundamentais para moverem os/as estudantes a prestarem atenção à pulsação das bases escolhidas, colocando o corpo em movimento a fim de melhor sentirem a pulsação e também de poderem realizar os cortes e adaptações necessários ao encaixe das letras às bases. Questões como inflexão vocal e dicção foram trabalhadas com os/as estudantes, bem como a busca da expressividade através das letras criadas.

O processo de gravação das criações musicais e sua conexão com aprendizagens

Foram utilizados dois encontros para a realização das gravações. Nesses dias, os/as estudantes foram deslocados/as da escola ao campus da UNIPAMPA, por meio de micro-ônibus da SMED. As gravações foram realizadas no estúdio de áudio do curso de Música, em uma parceria com o projeto de extensão Laboratório de Áudio, cujo discente bolsista é um dos discentes matriculados no componente de *Práticas Vocais na Educação Musical I*.

Para os/as estudantes, o deslocamento até a Universidade representa um universo de novidades para quem nunca vislumbrou a possibilidade de um dia estar matriculado/a em um curso superior. No grupo Baque Téó Cantares, mesmo após um ano de trabalho vocal e contato com outros/as discentes do curso, uma participante relatou não saber que a Universidade era pública e gratuita.

O set de gravação foi montado no laboratório em que se encontram a maior parte dos instrumentos musicais do curso, ficando disponíveis aos/às estudantes para exploração naquele momento. Assim, pudemos observar a alegria de um dos integrantes experimentar, além do violão – que já tocava fazendo um solo de uma canção do grupo no ano passado – também o baixo e a bateria.

⁵ As bases instrumentais das músicas, escolhidas a partir da internet, foram: Beats Eletronic -Tik Tok (Rap) e “Ôh, novinha”, de KondZilla, por MC Don Juan (Funk).

A gravação foi realizada com captação de um microfone condensador acoplado a um pedestal e com os/as estudantes em seu entorno. A base escolhida era iniciada pela mesa de som, como introdução. Para o funk, um dos discentes dava a entrada ao grupo. O processo de gravação trouxe aprendizagens importantes para os/as estudantes, especialmente pela oportunidade de se ouvirem logo após a performance e eles/elas mesmos/as solicitarem regravações para modificarem o que, na sua opinião, poderia soar melhor. Nesse sentido, e conforme Lorenzi (2007), a possibilidade de registro sonoro das performances musicais favoreceu a ampliação da escuta dos/das estudantes.

O processo seguinte, de produção musical, foi iniciado na presença dos/as estudantes, com o discente responsável pelo laboratório de áudio mostrando possibilidades da lida com o material sonoro gravado. Mostrou alguns efeitos aplicados sobre as vozes, a possibilidade de aumento do tecido sonoro através da duplicação da faixa gravada e efeitos de eco ao final de alguns trechos. Os/as estudantes ficaram impressionados/as com as possibilidades tecnológicas. A produção final resultou nos trechos duplicados, tanto no rap quanto no funk, e com inserção de eco nas vozes, buscando ênfase na expressividade em determinados momentos:

Figura 1: Letras criadas pelos/as estudantes

RAP	FUNK
<p>A Madonna em cima do palco Bebês e animais afogados E a mídia falando: “Ahhh, deixa baixo!” E aí eu te pergunto: Cadê a preocupação? Parece que essas pessoas não tem um coração Aí eu te pergunto: “e o respeito aonde está? Aonde está? Aonde está?”</p>	<p>Ôôôôô.... Planeta eu quero te ver contente Meio ambiente quero te ver lindamente Estamos tristes com que está acontecendo Vamos com nosso planeta Prá ficar, prá ficar, prá ficar melhor Prá ficar, prá ficar, prá ficar melhor Prá ficar, prá ficar, prá ficar melhor Prá ficar, prá ficar, prá ficar melhor</p>

Fonte: Os autores/as

Finalizados os áudios de cada performance, a professora coordenadora do projeto produziu vídeo⁶ com imagens relacionadas às temáticas de cada composição.

Além do aspecto da transformação da escuta dos/as estudantes a partir da possibilidade de se ouvirem nas gravações – perspectiva que ainda não haviam vivenciado –, foi-lhes possibilitado, por meio das atividades de criação coletiva e de processos colaborativos, experienciarem a necessidade de respeitar a opinião, os gostos musicais e o posicionamento do/a outro/a no fazer musical e na vida. Sobre o trabalho desenvolvido no coletivo, uma estudante se manifesta a respeito da diversidade de escutas musicais entre eles/elas e o desafio de terem que escolher a base instrumental: “É complicado por conta dos gostos diferentes, principalmente entre os estilos musicais. Aprendemos bastante sobre como chegar a um acordo. A gente aprendeu que nem sempre o que a gente gosta é o que vai ser escolhido”. Esse entendimento se vincula à temática deste evento na busca da construção de uma sociedade democrática. Nessa direção, Bezerra (2023, p. 224), ao fazer uso de plataformas digitais em aulas para turmas de 1º ano do ensino fundamental, defende que

a criação colaborativa possui papel importante na formação humana ao democratizar as escolhas, permitir escutas, tomadas de decisão, bem como aceitar o diferente como parte do contexto. Assim, em uma sociedade onde as hegemonias ainda oprimem as minorias, o desenvolvimento de atividades que promovem a conscientização e inclusão das diferenças são importantes ferramentas na desconstrução de pedagogias que perpetuam discursos e práticas hegemônicas (Bezerra, 2023, p. 224).

O autor, inclusive, traz aqui outra dimensão da escuta, para além da musical, tornando-se multidimensional e relacional, promovendo o entrecruzamento de subjetividades dos/as participantes.

Também Beltrame (2016, p. 58) discute a posição diferenciada e necessária a professores/as que passam a lidar com as tecnologias digitais, questionando velhos paradigmas e posturas presentes no processo de ensino e aprendizagem. Essa posição de professor/a mediador/a de aprendizagens também se coaduna com a noção de construção de uma sociedade mais democrática, pois

⁶ <https://www.youtube.com/watch?v=r53ZOCHBJXY>

Tais práticas reposicionam o papel dos professores e alunos, trazem outras noções acerca da horizontalidade das práticas de ensinar e aprender, questões sobre colaboração e aprendizagem entre pares, dentre outros aspectos que entram em choque com a verticalidade de práticas construídas e arraigadas em alguns paradigmas de ensino/aprendizagem (Beltrame, 2016, p. 58).

Ainda acerca da horizontalidade estabelecida nas relações interativas entre estudantes e professores, e segundo Lima (2021, p. 4), tal disposição no processo educativo permite que os indivíduos envolvidos possam ‘aprender a serem humanos’, por meio da comunicação e cooperação.

Avaliações das atividades pelos/as estudantes

Ao término do semestre, realizamos uma avaliação com todos/as participantes, procurando conhecer suas opiniões sobre os resultados alcançados. Conforme seus relatos, os/as estudantes afirmaram ter se aproximado mais como colegas de grupo, embora não o sejam, em muitos casos, colegas de turma na escola. Em termos de aprendizagens, uma cantora relata: “É um trabalho que ajuda a gente não só no canto, mas na vida; dentro da sala de aula a comunicação é melhor desenvolvida; a oratória e a dicção melhoraram”. E segue, fazendo conexão com o futuro mundo do trabalho: “Isso também vai ajudar no nosso currículo, né? Até em... em procurar emprego, essas coisas”. Outro cantor salienta: “Aprendemos a respeitar o tempo; aprendemos sobre ritmos; aprendemos a nos ouvir mais, a escutar o colega, a encaixar a voz no tempo da música, a ter controle sobre a voz. Aprendemos sobre produção musical, postura para cantar, respiração correta”. Trazem, ainda, outras aprendizagens: “Eu berrava p’ra cantar. Acho que a gente se soltou mais, também; perdeu a timidez”.

Os/as estudantes comentam como percebem seu envolvimento com o grupo, ao passar do tempo, e demonstram serem capazes de autocrítica. Além disso, para muitos deles, o envolvimento com o “Baque” passou a se configurar em possibilidade de realização de outra atividade de caráter educativo-cultural, para além das tarefas do currículo escolar, conforme seus depoimentos:

Porque antes eu chegava aqui, às vezes, e não cantava, só fingia que cantava. Agora, não, eu canto, desenvolvo mais.

Eu entrei só pra me ocupar mais, só que aí eu não tava tão interessada, eu entrei só pra me ocupar. Só que aí eu comecei a ir nos encontros, comecei a buscar mais, me desenvolvi mais, me soltei mais. E também minha voz tá melhorando, eu tô perdendo timidez, tô me desenvolvendo, tô ficando mais solta.

Eu gostei demais da nossa participação. A gente poderia, quando a gente perdeu a aula e dormiu demais, tipo, isso não precisava.

Porque ao invés de ficar em casa, deitado, sem fazer nada, tá vindo aqui, ver os amigos, tem mais amizades. Desenvolver o canto. Aprender sobre canto.

Os/as estudantes deram sua opinião quando foram questionados/as sobre a atividade de gravação: “No trabalho desse semestre eu gostei porque a gente fez a música, a gente compôs, a gente foi gravar, a gente agitou, a gente gravou a música”. Em outro depoimento, novamente a questão da escuta se fez presente; desta vez, na busca da percepção da própria voz: “A edição de áudio foi muito boa, só que eu acho meio estranho. Eu cantar, eu acho normal, só que depois de ouvir eu acho meio estranho. A voz parece que não é a mesma coisa, que eu não estou falando”. Foi explicado ao grupo de estudantes que o estranhamento é esperado, já que a condução sonora, quando ouvimos nossa voz gravada, se dá por via aérea, diferentemente de quando nos ouvimos falando ou cantando, situação em que ocorre uma condução também por meio de ossos e tecidos da nossa cabeça.

Reflexões finais

A realização de práticas pedagógico-musicais com grupos infantojuvenis já não é tarefa fácil, ainda mais dentro de um contexto de escola pública, marcada pela complexidade sociocultural de estudantes expostos a todo tipo de violências diárias, ainda que simbólicas. Nesse ambiente, todas as conquistas, ainda que se possam considerar mínimas, precisam ser levadas em conta⁷. Desde a presença aos encontros – cuja efemeridade representa sempre um desafio ao trabalho a ser realizado –, até o

⁷ Ao focarmos nas aprendizagens que foram possíveis a partir das atividades realizadas, não nos ativemos de forma mais aprofundada aos desafios que emergem a partir do contexto da escola pública no que toca às possibilidades de trabalho para educadores musicais. Espera-se, em futuros artigos, que se possa adentrar tais temáticas e refletir sobre as condições que a escola pública oferece à atuação de professores e professoras de música.

engajamento dos/as estudantes, mesmo que a participação no grupo ocorra por adesão. Não raras vezes precisamos conversar com os/as alunos/as acerca do que estávamos propondo, chamando sua atenção para a possibilidade, a partir das aprendizagens com a lida das tecnologias, de virem a se tornar produtores autônomos de suas próprias criações musicais. Os desafios são múltiplos e, muito mais, para os discentes, que propuseram para o semestre um plano de trabalho que, por motivo de força maior, precisou ser alterado para que as atividades se tornassem possíveis. No entanto, essa imersão no ambiente da escola pública trouxe-lhes muitas aprendizagens com relação ao tornarem-se professores de práticas musicais coletivas. Essas situações preparam os discentes para a lida com a imprevisibilidade, sem perder de vista seus objetivos, especialmente quando, conforme Souza (2014), entendemos que a prática musical precisa ser estimulada por educadores musicais sensíveis às relações que se estabelecem nos diferentes espaços sociomusicais.

Referências

ANDRADE, Klesia Garcia. Cantando e criando em conjunto: uma pesquisa-ação na prática coral. In: BARROS, Matheus Henrique da Fonseca; PENNA, Maura (Orgs.). *Pesquisa-ação e educação musical: desvendando possibilidades*. Petrolina: IFSertãoPE, 2022. p. 64-90.

BELTRAME, Juciane Araldi. *Educação musical emergente na cultura digital e participativa: uma análise das práticas de produtores musicais*. Tese (Doutorado em Música) — Programa de Pós-graduação em Música, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: <http://www.repositorio-bc.unirio.br:8080/xmlui/handle/unirio/11033>. Acesso em 06 ago. 2024.

BELTRAME, Juciane Araldi; BARROS, Matheus Henrique da Fonseca; MARQUES, Gutenberg de Lima. Cultura participativa digital, mídias sociais e educação musical. In: BELTRAME, Juciane Araldi et al. (Org.). *Práticas digitais em educação musical: reflexões e experiências*. João Pessoa: Editora do CCTA, 2023. p. 21-38.

BEZERRA, Igor de Tarso Maracajá. Brincando de fazer música digitalmente. In: BELTRAME, Juciane Araldi et al. (Org.). *Práticas digitais em educação musical: reflexões e experiências*. João Pessoa: Editora do CCTA, 2023. p. 217-234.

LIMA, Licínio. C. Democracia e educação: Dewey em tempos de crise da educação democrática. *Arquivos Analíticos de Políticas Educativas*, 29 (154), 2021.

LORENZI, Graciano. *Compondo e gravando músicas com adolescentes: uma pesquisa-ação na escola pública*. Dissertação (Mestrado em Música) — Programa de Pós-graduação em Música, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/10549>. Acesso em 20 abr. 2024.

SOUZA, Jusamara. Música em projetos sociais: a perspectiva da sociologia da educação musical. In: SOUZA, Jusamara et al. (Org.). *Música, educação e projetos sociais*. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2014. p. 11-26.